



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS IV
Curso de Especialização em Estudos Literários

A mulher e o negro na sociedade dos excluídos em
***Capitães da areia*, de Jorge Amado**

Por:

Josenilda Souza dos Anjos Sampaio

Miguel Calmon – BA – Brasil

Outubro – 2002



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS IV
Curso de Especialização em Estudos Literários

130

**A mulher e o negro na sociedade dos excluídos em
Capitães da areia, de Jorge Amado**

Por:

Josenilda Souza dos Anjos Sampaio

CONSULTA



Trabalho monográfico
apresentado como avaliação
do Curso de Especialização
em Estudos Literários.

Miguel Calmon – BA – Brasil

Outubro – 2002

UNEB - DEP. IV – JAC



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS IV
Curso de Especialização em Estudos Literários

PÁGINA DE APROVAÇÃO

Examinador: Professor-orientador Benedito Veiga

Cursista: Josenilda Souza dos Anjos Sampaio

Título do Trabalho: A mulher e o negro na sociedade dos excluídos em
Capitães da areia, de Jorge Amado

Parecer:

Nota:

Assinatura

Miguel Calmon – BA – Brasil

Outubro – 2002



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS IV
Curso de Especialização em Estudos Literários

PÁGINA DE APROVAÇÃO

Examinadora: Professora Zilda Freitas

Cursista: Josenilda Souza dos Anjos Sampaio

Título do Trabalho: A mulher e o negro na sociedade dos excluídos em
Capitães da areia, de Jorge Amado

Parecer:

Nota:

Assinatura

Miguel Calmon – BA – Brasil

Outubro – 2002



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS IV
Curso de Especialização em Estudos Literários

PÁGINA DE APROVAÇÃO

Examinador: Professor Paulo Garcia

Cursista: Josenilda Souza dos Anjos Sampaio

Título do Trabalho: A mulher e o negro na sociedade dos excluídos em
Capitães da areia, de Jorge Amado

Parecer:

Nota:

Assinatura

Miguel Calmon – BA – Brasil
Outubro – 2002

Agradeço a Deus que está sobre todos e é provedor da minha vida, ao meu esposo, aos meus familiares e amigos e a todos os professores do Curso de Especialização em Estudos Literários que contribuíram para realização deste trabalho.

Dedico com amor e carinho
ao meu dedicado esposo
Gilson.

Esses estudiosos, porém, devem apoiar-se numa orientação crítica: “o contexto, por trás do texto, as relações de poder que conformam a herança documental [s] dizem tanto se mais, que o próprio assunto que é conteúdo do texto”.

Benedito Veiga, 2000, p.14.

Sumário

<i>Introdução</i>	09
<i>CAPÍTULO I – Mulher, uma questão de exclusão</i>	10
<i>CAPÍTULO II – Afro-brasileiro, o que o faz excluído em Capitães da areia?</i>	28
<i>Conclusão</i>	35
<i>Referências Bibliográficas</i>	37
<i>Anexo</i>	38
<i>Resumo</i>	39

Introdução

Segundo Paulo Freire (1996, p.39 e 40) faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.

Esta afirmativa reforça a necessidade da luta não só pela autonomia, mas também pelo reconhecimento da identidade dos grupos de minorias que dizem respeito à mulher, ao negro... no conjunto da sociedade em que vivem.

Em um país múltiplo e plural como é o caso do Brasil, é impossível negar a existência da cultura produzida por estes grupos que diversificam a identidade cultural nacional brasileira, uma vez que não existe homogeneização cultural. As diferenças entre classes sociais, grupos étnicos e de gênero quebram a idéia de unificação em uma mesma sociedade.

A busca pela visibilidade e a tentativa de dar voz aos que foram silenciados pelos aparatos da dominação e conhecer os elementos que sustentaram a hierarquização do poder selecionando uns e excluindo outros têm merecido reflexão e estudo por professores, críticos e autores no sentido de realfirmar a força da diferença, a força desses grupos citados tornando-os visíveis e reconhecidos, desvencilhando-os das amarras do domínio e centralização do poder detidos pelos homens brancos durante todo o processo de construção da identidade nacional.

Com base nisto veremos, em *Capitães da areia* de Jorge Amado, como este faz a representação de indivíduos que também fazem parte destes grupos através de alguns personagens como João Grande, a negrinha do areal, Dora e Dalva. O estudo da obra nos permitirá a leitura da sociedade dos excluídos, no período em que foi escrito.

Cap. I – Mulher, uma questão de exclusão

O Modernismo no século XX surge como um movimento geral de libertação contra o passado, contra o sentimentalismo, contra regras, contra modelos. Os temas sociais, o nacionalismo, o objetivismo eram idéias desse movimento. Havia na época, um espírito de revolta contra os modelos europeus que colonizavam não somente o pensamento, mas também o conhecimento. Ao remetermo-nos à construção do nosso país, percebemos que no processo de colonização os portugueses construíram a nação tendo como base a cultura européia que predominava, influenciava e que se internalizava nas produções culturais e na sua “identidade nacional”. Por isso, fazia-se urgente o rompimento do equilíbrio já instável entre as grandes potências.

Num contexto de transformações vividas pelo país com a Revolução de 1930 e o conseqüente questionamento das tradicionais oligarquias, o tema da nacionalidade volta a ser preocupação dos produtores locais, o que ocasiona grandes mudanças na produção literária brasileira. Na segunda fase do Modernismo (1930-1945) refletindo o mesmo momento histórico e apresentando as mesmas preocupações dos poetas da década de 1930, encontramos autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo e Jorge Amado, que produzem uma literatura de caráter mais construtivo, de maturidade aproveitando as inovações poéticas conquistadas pela geração de 1922.

Dentre os autores citados, destacaremos Jorge Amado¹ que, imbuído da consciência do regional, começa a escrever romances em que os ideais político-sociais são suscitados. Em sua primeira fase², os romances classificados por alguns críticos literários como proletários, além de retratar a vida urbana em Salvador, vão polarizar as questões da época, mostrar a crise social e as desigualdades, a denúncia da situação das camadas populares, dos trabalhadores e dos desempregados. Com isso, Jorge Amado adota a perspectiva dos de baixo, dos excluídos, levando sua expressão e visão de mundo para o primeiro plano romanesco. Esta ficção exprime o Jorge político, que via na revolução a forma de corrigir a injustiça social acentuada pelos conflitos internos que vigoravam no Brasil durante o governo de Getúlio Vargas³ em 1930 a 1945 e levar o povo ao centro da cena histórica.

Com esse contexto histórico servindo como pano de fundo, Jorge Amado escreve *Capitães da areia* que é publicado em 1937, no Rio de Janeiro pela livraria José Olympio Editora. Nesta obra, o autor nos apresenta cenas ou situações da problemática social instaurada no momento, ele enfoca além de outros problemas, uma das questões mais preocupantes do Brasil atual, que é a do menor abandonado.

Segundo José Aderaldo Castello

ao prefaciar este romance, Jorge Amado o apontava como o final de uma série de obras que ele mesmo intitulava 'os romances da Bahia'. Pretendia de início a visão crítica de uma mocidade mais ou menos intelectualizada do Brasil, sob correntes sociais e políticas que então começavam a surgir. Naquele conjunto, ele passaria pelo trabalhador de fazendas de cacau do Sul da Bahia, para retornar ao universo de Salvador, aos trabalhadores do cais, à visão da vida dos marítimos das pequenas embarcações, à condição do negro e às reivindicações grevistas do operariado urbano e, finalmente, à infância abandonada e conseqüentemente delinqüente. (1999, p.280, 281)

¹ Jorge Amado – Nascido em 1912, na Vila de Ferradas, em Itabuna – Bahia, e falecido em 6 de agosto de 2001, em Salvador – Ba. Surge como escritor aos 19 anos com o romance *O país do Carnaval*, publicado em setembro de 1931.

² Estes são os demais romances desta fase, com suas datas de primeiras edições: *O País do Carnaval* – 1931, *Cacau* – 1933, *Suor* – 1934, *Jubiabá* – 1935, *Mar Morto* – 1936, *Capitães da Areia* – 1937, *Terras do Sem Fim* – 1943, *São Jorge dos Ilhéus* – 1944, *Seara Vermelha* – 1946, *Os Subterrâneos da Liberdade* – 1954.

³ Em 3 de novembro de 1930, Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil em caráter provisório. Em outubro de 1945 foi forçado a deixar o cargo.

Apesar de ter sido escrito e publicado nos anos 40, século XX, ele é o relato de um tema extremamente atualizado no país, ao ingressar no século XXI.

Alguns indícios textuais na obra datam com mais clareza o momento em que esta foi escrita. “O Comendador José Ferreira, ouvido pela nossa reportagem, avalia o seu prejuízo em mais de um conto de réis, pois o pequeno relógio de sua esposa estava avaliado em \$ 900 e foi furtado”. (p.12) “... Na rua o Gato contou sessenta e oito mil réis...” (p.41)

Nestes fragmentos, faz-se referência à moeda nacional que circulava na época. Esta moeda é o conto de réis que foi emitida no início de século entre 1902 e 1940. “— No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o bonde de Brotas na Baixa do Sapateiro”. (p.31)

O bonde era um dos meios de transporte mais utilizados pelas pessoas para percorrerem longas distâncias. Ele “reinava” pelas ruas no início de século na cidade de São Paulo. Na Bahia, precisamente em Salvador, ele apareceu na mesma época em que a Praça da Sé surgiu, em 1930, quando a Igreja da Sé e um quarteirão inteiro de casarões dos séculos XVII e XIX, ocupados pelo comércio, foram demolidos para implantação da linha de bonde elétrico. Na década de 50 foi implantado o terminal de ônibus para vários pontos da cidade substituindo assim o bonde.

— Quero que tu leia pra eu ouvir essa notícia de Lampião que o ‘Diário’ traz. Tem um retrato. (p.44)

... Lampião tinha entrado numa vila da Bahia, matara oito soldados, deflorara moças, saqueara os cofres da Prefeitura. (p.44)

A referência a Lampião que tem profunda relação com Volta Seca, seu afilhado, e um dos Capitães da areia sobre o qual exerce forte influência, evidencia o momento histórico da narrativa. Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, começou a cometer crimes por volta de 1920. Ao longo do tempo praticou várias atrocidades com homens, mulheres e até mesmos animais. Apesar de tudo foi visto como herói. O seu reinado durou até 28 de julho de 1938, quando foi traído por um dos membros do seu bando e surpreendido pelos policiais, foram mortos ele, Maria Bonita, sua mulher, e outros cangaceiros. O fim do cangaço aconteceu em 1940 com a morte de Corisco (outro cangaceiro, amigo de Lampião).

Quanto ao enredo a obra *Capitães da areia* trata da vida de menores abandonados da Bahia, excluídos da família, da sociedade que eram liderados por Pedro Bala, viviam num velho trapiche de Salvador e que sobreviviam à custa de furtos e malandragens. O romance denuncia as diferenças sociais contrapondo permanentemente burguesia e povo, a desonestidade da classe dominante e a sensibilidade dos que vivem à margem da sociedade.

Portanto, é uma narrativa de cunho social, neo-realista. Narrada na terceira pessoa, o autor, Jorge Amado, comporta-se apenas como narrador e expectador dos fatos. Ele se mantém durante todo o desenvolvimento do tema, de maneira indiferente, criando e narrando os acontecimentos sem se envolver diretamente com eles.

Em *Capitães da areia*, a vida urbana em Salvador é retratada, mostrando a realidade opressora e cruel com a classe não privilegiada. A cidade alta é que serve de cenário para o desenrolar do drama vivido por pequenos arruaceiros que roubam para sobreviver. É neste local que os meninos circulavam para conseguir comida e dinheiro, era onde as pessoas da alta sociedade baiana residiam.

A obra apresenta tempo cronológico demarcado pelos dias, meses, anos e horas, conforme exemplifica o seguinte fragmento: “É aqui também que mora o chefe dos Capitães da areia, Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde os seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. Há dez anos que vagabundeia nas ruas da Bahia”. (p.26)

O narrador, numa linguagem simples e comum, confronta criticamente a sociedade com a realidade do grupo. Ele descreve o dia-a-dia dos meninos e o seu modo de agir e conviver para lutar pela sua sobrevivência. Procura demonstrar que a sociedade é que leva essas crianças ao crime e à marginalidade, através do contraste entre miséria e destino das crianças e a indiferença das classes dominantes, os chamados burgueses.

A história em questão revela o proletariado, a camada oprimida da sociedade, cujo destino de cada membro do grupo é mostrado exemplificando a força, a resistência e a necessidade de união por questão de sobrevivência. Cada personagem representa um tipo característico dos muitos que vivem na exclusão social, na camada dos dominados, ou seja, os grupos minoritários como: os estivadores, a mulher, o negro, o homossexual. A obra manifesta a luta concreta destes tipos excluídos por um espaço maior no convívio social. Por outro lado, realça também o preconceito referente às questões de gênero e de raça, temas que serão abordados neste trabalho. Em se tratando desta última, o autor se vale de João Grande, personagem negro que era temido apenas

por sua força muscular, mas que era desprezado por ser considerado burro. A representação do afro-descendente no romance é marcada por uma visão racista externa e interna, que indica a discriminação sofrida por este grupo étnico. “— Este negro é burro mas é uma prensa..” (p.28)

Neste fragmento, por exemplo, o autor coloca a idéia de adversidade, talvez num impasse de representação do sujeito, quando Sem Pernas (outro membro do grupo) o considera burro, mas que por outro lado é forte e isto o fazia respeitado por todos. Tinha pouca inteligência, porém era temido e bondoso e sabia planejar os furtos. Há uma compensação da ausência de disposições mentais com presença de características físicas.

Além de João Grande, alguns personagens como a negrinha do areal e o negrinho Brandão também fazem parte desta representação.

Quanto ao gênero, Jorge Amado, em seu discurso falocêntrico⁴, refere-se à mulher rapidamente no papel de Dalva e um pouco mais no de Dora. O universo feminino é restrito, enquanto que o masculino domina todo o espaço da história.

A distância entre estes dois universos é rompida quando Dora começa a fazer parte do grupo “Capitães da areia”. “... Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem, e desses mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche”. (p. 27)

Somente os garotos faziam parte deste grupo, talvez pelo preconceito que a mulher sofria na época, não fosse cabível a sua presença entre eles. Isto provavelmente fosse o retrato de uma sociedade que não permitia a uma minoria fazer parte de outra minoria ou porque existia entre estas minorias micro-poderes que selecionavam uma e excluíam outras. “Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da areia”. (p.163)

Dora consegue integrar-se ao grupo, mas só depois de convencer Pedro Bala que pode fazer o que os meninos fazem. Inicialmente, este reluta por atribuí-la a condição de inferior, conforme estes fragmentos: “Tu não ta vendo que tu não pode? Que isso não é coisa pra menina. Isso é coisa pra homem” (p.162). “Tu já viu uma mulher fazer o que um homem faz? Tu na agüenta um empurrão...” (p.163)

Este sentimento de inferioridade feminina nutrido por Pedro Bala foi resultado há muito tempo da projeção da culpa sobre a mulher, quando na Bíblia relata a queda do homem e a prática

⁴ Falocentrismo – primado do falo como árbitro da identidade.

do pecado (Gênesis 3) por causa da fraqueza e fragilidade de Eva. Esta culpabilidade foi a primeira forma de violência. Outra forma foi o modelo hierárquico patriarcal que predominou por muito tempo na maioria das sociedades, que manteve a mulher na sombra do marido, negando-a como indivíduo e vendo-a como objeto. A violência também se revela, por exemplo, na imposição de padrões deturpados de masculino e feminino que determinam o que é o papel do homem e o que é o papel da mulher, sendo que este sempre é colocado como inferior em relação àquele e no falso entendimento de que a fragilidade e a sensibilidade, características da mulher construídas culturalmente são sinônimos de impotência.

Numa condição inferior, a mulher esteve à margem da sociedade e isto implicava estar à margem do saber cultural. A mulher não podia escrever nem estudar porque a ela era negado o conhecimento e os direitos e deveres sociais eram proibidos. O que lhe era atribuído eram os afazeres de casa, a educação dos filhos e o cuidar do marido. Enquanto solteira vivia sob a tutela do pai, que determinava com quem deveria se casar. Esta determinação acontecia muitas vezes por ocasião do seu nascimento, negando-lhe o direito de escolha, assim os seus sentimentos também eram suprimidos e aquela que se recusasse a aceitar a vontade paterna era submetida a castigos. Ao casar, o marido passava a ser o seu tutor legítimo. O casamento acontecia por interesses da família, e a mulher deveria então total obediência e submissão ao homem, ela era propriedade dele. Os papéis sociais eram dispostos de acordo com o discurso patriarcal que vigorava na sociedade, principalmente em séculos anteriores ao século XIX, pois neste período, surgiu a primeira onda do Feminismo, movimento que promovia a liberação feminina, que questionava o poder patriarcal e as estruturas sedimentadas da sociedade.

Com isso, a mulher passou a ter o direito ao voto, ocupando assim o espaço político, só que de uma forma restrita, pois o marido escolhia em quem ela devia votar. Os textos que eram de autoria feminina não eram aceitos, apesar desta onda do Feminismo gerar uma grande produção cultural em países como França, E.U.A, Inglaterra e mesmo nos países periféricos como o Brasil. No entanto, o que era produzido, a Igreja Católica tomava para si e incentivava a escrever com temas relacionados ao catolicismo. As mulheres poderiam ser feministas, mas, acima de tudo, cristãs. Porém, no século XIX com a Primeira Guerra Mundial é exigido o retorno da mulher à casa.

No século XX, a partir dos anos 60, acontecia a segunda onda do feminismo que surgiu com o movimento dos grupos minoritários como o do negro, do homossexual, além do grupo da

mulher. Estes grupos lutavam e lutam pela valorização da sua identidade e reconhecimento da sua subjetividade.

Nesta fase, o poder do homem, da escrita e do pai foram questionados. Muitas mulheres aderiram ao movimento. O espaço público dentro da sociedade foi exigido por elas, que acabaram entrando em grande número na Universidade e passaram a fazer parte do mercado de trabalho. Estas duas realidades não eram acessíveis até então. O direito sobre o seu próprio corpo, de gerar ou não foi adquirido também com a descoberta da pílula que gerou a liberdade sexual.

Com os estudos feministas, novas questões foram colocadas no âmbito da literatura. O cânone literário passou a ser indagado na tentativa de recuperar a produção literária de autoria feminina, que foi relegada sob o argumento de que era uma produção inferior em relação às obras tidas como modelo que eram de autoria masculina.

Antes deste período, mas, ao mesmo século, nos anos 40, Simone Beauvoir foi a primeira a tirar a condição de mulher como ser inferior, não se baseando em particularidades, mas no universal quando escreveu *O Segundo Sexo*. Para ela, ninguém nasce mulher, torna-se mulher, ou seja, são as suas escolhas, que vão lhe definir como ser e não a predeterminação de conceitos construídos a partir de uma ideologia patriarcal. “O feminismo não é dado pela biologia ou anatomia, e sim construído pela sociedade”. (SAFFIOTI, 1999, p.60)

A mulher que produzia em séculos anteriores ao século XX denotava em sua escrita o desejo que tinha de liberdade. A exemplo, o poema *Esfinge*, de Júlia Cortines, século XIX, revela a vontade de ter o poder da fala que era dado apenas ao homem. Eis um fragmento do poema que confirma o que foi citado: “Descerra a boca há tanto tempo emudecida”. Havia uma insatisfação em ser mulher, pois o homem com o seu discurso dominador era supremo e ela por sua vez era passiva e forçosamente condizente com a prática ideológica da época. No entanto, a produção masculina refletia o seu olhar machista em suas produções ao escrever sobre a mulher fria, sem sentimentos, inerte, vista apenas como objeto que não podia se desnudar revelando-se com o seu desejo e prazer. Este era o modelo ideal da mulher que era pregado por muitos autores.

No Brasil, a retomada dos textos das mulheres só aconteceu nos anos 80 e 90, com o reconhecimento da produção feminina e revisão dos conceitos básicos da teoria literária que desconsideraram por muito tempo os textos femininos e a quebra de fronteiras.

Um dos desafios feministas no Brasil tem sido tornar visível o invisível através de pesquisas feitas por algumas escritoras como é o caso de Elódia Xavier, que procura revelar obras

de mulheres esquecidas e não aceitas pelo cânone, este fundamentado em preconceitos e valores sociais, étnicos e sexuais estabelecidos por uma visão limitada de um grupo ou de um homem que selecionou e excluiu uma escrita em detrimento de outra. Esta tentativa de dar visibilidade à produção feminina reafirma a força da diferença.

Após os anos 60, a crítica literária feminina reconheceu a escrita da mulher e isto promoveu o descentramento do sistema patriarcal que vigorava na prática acadêmica. Segundo Susana Bórneo Funck, o homem escrevia sobre a mulher, mas a sua escrita era diferente, o que levou a uma verdadeira revolução cultural.

A crítica feminista reconhece o gênero como uma categoria analítica para analisar as relações das pessoas na sociedade. A idéia de gênero consiste na linguagem como uma marca estabelecida pela ausência e diferença de um texto e outro. Para a Antropologia, gênero é uma diferença específica que fala da diferença sexual, mas não se fixa neste dado biológico, mas sim no dado cultural. É uma construção social que determina o papel das pessoas na sociedade.

Para Norma Teles, gênero é uma categoria, um modo de fazer distinções entre pessoas, uma construção cultural que classifica com base em traços sexuais, expandindo-se por cruzamentos de representações e linguagens. Na sociedade ocidental moderna, o gênero codificou as diferenças entre um reconhecido patrimônio cultural masculino e uma correlativa e suposta penúria feminina (ou asiática, ou “primitiva”, ou sul-americana). (In: JOBIM, 1992, p.50)

Assim a relação de gênero formada por homens e mulheres é norteadas pelas diferenças biológicas, geralmente transformadas em desigualdades que tornam o ser mulher vulnerável à exclusão social. É impossível atribuí-la a um só aspecto, pois este fenômeno acontece pelas vias do trabalho, da classe, da cultura, da etnia, da idade, da raça que manifesta-se de várias maneiras.

A exclusão social é um processo presente, visível e atual que enclausura grande parte da população numa separação social, onde é evidenciada a divisão entre etnia, sexo e classe, em que o pobre é miserável, maioritário (sentido populacional) e o rico é minoritário e poderoso.

Desde a antiguidade grega que escravos e mulheres eram excluídos, mas isto era tido como natural. Somente na Idade Contemporânea depois da crise econômica mundial é que a exclusão social passa a ser vista sob novo olhar e a partir de 1980 ganha centralidade nos meios acadêmicos e políticos.

A exclusão social atinge com maior profundidade os países pobres e se apresenta em aspectos que dizem respeito à falta de acesso ao emprego, aos bens e serviços, à falta de segurança e também à falta de justiça e cidadania e reúne como excluídos os negros, os sem-terra, os homossexuais, os velhos, os analfabetos e as mulheres.

Este fenômeno atinge os diferentes segmentos da sociedade. Ele não é provocado somente pelo setor econômico, apesar deste ser um dos seus principais pilares de sustentação. A exclusão é gerada nos meandros do econômico, do político e do social, tendo desdobramentos específicos nos campos da cultura, da educação, do trabalho, das políticas sociais, da etnia, da identidade e de vários outros setores.

No entanto, a exclusão social feminina tem sido reproduzida pela maioria dos formadores de opinião e dos que ocupam as esferas de poder na sociedade e por isso merece neste trabalho uma leitura específica assim como a exclusão do afro-brasileiro.

As relações entre homens e mulheres, ao longo dos séculos, mantém caráter excludente. Essas relações são assinaladas de forma bipolarizada, sendo designada à mulher a condição de inferior e ao homem a de superior. Características dadas à mulher como: ser mais vulnerável à piedade, mais afeita à inveja, à lamúria, à injúria, que tem menos pudor e menos ambição, que tem inclinação natural para o lar e a educação das crianças, por isso é destinada ao casamento e à maternidade, entre outros atributos reforçam a base da exclusão do feminino na sociedade e cuja reversão tem tomado longo tempo das feministas na sua busca por construir conceitos e valores de equidade entre os dois sexos, numa tentativa de tirar a mulher do ambiente propenso à exclusão e desconstruir todo o pensamento canônico que relegou a mulher à esfera privada e que estabeleceu a dicotomia homem razão/mulher emoção.

No campo do trabalho, a exclusão da mulher tem suas raízes fincadas nos interesses do patriarcado em manter a mulher distante do patrimônio e numa relação hierárquica inferior, imputando-lhe a atribuição de prestar serviço social gratuito, de importante relevância para a sociedade pensada para o homem.

Como já foi afirmado anteriormente, com o feminismo e a conseqüente penetração da mulher no mercado de trabalho e a participação na vida pública é quebrado o isolamento do lar através de um processo de reações e conquistas que se arrasta até os dias de hoje. Apesar da atuação da mulher no mercado de trabalho se dá em condições visivelmente desiguais e

excludentes, a importância da mulher tem se tornado evidente e isto tem flexibilizado um pouco a equidade de gênero na vida privada.

Atualmente os movimentos feministas tentam dar visibilidade às restrições impostas à mulher nos diversos compartimentos da sociedade. Restrições estas que dão lugar a um processo de exclusão que freqüentemente se ancora nas diferenças.

Em *Capitães da areia*, narrativa que se fundamenta numa concepção de romance de representação, mas também de intervenção na cena política do seu contexto histórico, Jorge Amado apresenta na obra imagens estereotipadas de mulher através de algumas representações femininas como é o caso de Dalva, personagem que como prostituta se valia dos seus dotes físicos para ganhar a vida. "... Ela passou por ele quase sem o ver. Era uma mulher de uns trinta e cinco anos, corpo forte, rosto cheio de sensualidade. O Gato a desejou imediatamente". (p.39)

Ela não despertava somente amor, mas sim desejo, depois de ser rejeitada e esquecida pelo amante, o senhor Gastão, passa a manter um caso com Gato, um tipo boa-vida, malandro que apesar de ser menino abandonado e sofrer as agruras que a vida lhe proporcionava, desfrutava precocemente dos prazeres sexuais obtidos gratuitamente com das negrinhas que derrubava no areal. "... Os Capitães da areia não gostavam de pagar mulher. Tinham as negrinhas de dezesseis anos para derrubar no areal". (p. 39)

Era uma relação de poder, de domínio que mantinham com estas meninas. O verbo derrubar significa que o ato sexual concebido não era por livre e espontânea vontade mas por força. Elas não tinham vontade própria, a vontade respeitada era o desejo, a carência sexual deles mesmos.

No caso específico de Dalva há uma inversão de papéis, pois o seu corpo era o seu respectivo objeto de trabalho, ela sobrevivia através do dinheiro que ganhava em suas noites como rameira. No entanto, com Gato passou a mantê-lo financeiramente, dando-lhe dinheiro e não a receber como acontecia com os outros. Dalva e Gato mantinham uma cumplicidade em relação à vida que levavam, ele porque satisfazia os seus desejos como homem sem pagar-lhe e ela porque era a amante dele que gostava apenas de fazer amor com o mesmo sem se preocupar com quaisquer atribuições de responsabilidade como mulher. Não havia cobrança de nenhum dos lados. "— Mas Dalva não cosia suas roupas... Gostava era de se bater com ele na cama, arranhar suas costas, mas de propósito, pra o arrepiar e o excitar, para que o amor se fizesse ainda melhor". (p.155)

Porém, esta relação aparentemente forte não dura muito tempo, depois de viajarem juntos para Ilhéus em busca de riqueza acabam se separando.

Há também uma outra representação de outra figura feminina que aparece brevemente no romance que é a de uma negrinha, termo usado pelo narrador que relaciona-se com a questão étnica, que será estudada mais especificamente no outro capítulo. Neste, será feita uma rápida referência a ela por ser mulher. Ela é a mulher objeto olhado, falado, desejado e consumido. É colocada como amante, erótica, sensual, “dona” de um corpo livre para o prazer. Ela não tem voz nem vez. O discurso do escritor é um discurso centrado no masculino, de poder do homem sobre a mulher, que reprime e a exila enquanto ser individual numa condição de inferioridade. Mas era uma mulher que sonhava com o amor, com o relacionamento de paixão.

Pedro Bala podia vê-la bem quando ela passava sob os postes: era uma negrinha bem jovem, talvez tivesse apenas quinze anos como ele. Mas os seios saltavam pontiagudos e nádegas rolavam no vestido, porque os negros mesmo quando estão andando naturalmente, é como se dançassem... E o desejo cresceu dentro de Pedro Bala... Pensava em derrubar sobre a areia macia, em acariciar seus seios duros (talvez seios de virgem, sempre seios de menina), em possuir seu corpo quente de negra. (p.74)

Pedro sorria, um sorriso de dentes apertados, era igual a um animal feroz caçando no deserto um outro animal para seu almoço. (p.79)

Apesar de a menina resistir no primeiro momento às investidas de Pedro Bala, nutriu seus desejos de entregar-se somente a um de seu grupo racial que por ela fosse apaixonado, os seus princípios e vontade não foram respeitados. Por ser negra, na concepção de Pedro, era como as demais de sua cor, todas eram fáceis e tinham um amante. “... Teu macho não vai saber...”. (p.81)

Depois de várias tentativas, a menina acaba sendo convencida de que em sua condição de frágil, que detinha pouca força física, deve satisfazer o seu agressor, mesmo porque a sua defesa de mulher era inútil em relação ao poder do homem. “— Se doer o tiro... — ela consentiu”. (p.81)

Esta representação feminina do negro revela as imagens construídas na cultura brasileira sobre a questão da etnia. Contudo, através dessa personagem percebe-se a resistência, a oposição à discriminação que era veiculada pelas camadas sociais dominantes. Mesmo não conseguido livrar-se do seu algoz, a negrinha luta com todas as suas forças, diferentemente de Dalva que leva passivamente e no caso da primeira satisfaz apenas parcialmente Pedro Bala já que não conseguira desvirginá-la. Há uma diferenciação de valores entre as duas personagens.

O livro *Capitães da areia* é dividido em três grandes partes, cada qual com pequenos capítulos. A que interessa é a parte II “Noite de grande paz, da grande paz dos teus olhos”. Cada um dos capítulos vai fazer referência a Dora, através de uma imagem estereotipada de mulher, que é a da mãe criada pelo autor. É uma outra representação feminina presente na obra.

Filha do bexiguento

Neste capítulo, surge a figura de Dora, a primeira figura feminina com maior representação na novela. Será também a primeira mulher a ficar entre os Capitães da areia, que só admitiam como membros do grupo os meninos. No entanto, o autor a apresenta com vários atributos que fazem dela o estereótipo de mulher superior em relação a cor, pois ela era loira, olhos grandes e traços finos. A sua figura física já parece destinada a fazer par com Pedro Bala que tinha as mesmas características. Dora apareceu porque os pais morreram vítimas pela varíola, e ela, sem ter onde ficar, juntamente com o irmão pequeno termina por se juntar a eles que acolhem-na depois de quase violentá-la. Ela é excluída primeiro pela sociedade que não lhe dá assistência, depois pelos meninos, que reagem aversamente a sua estada no trapiche.

Ela saiu do seu canto e a arrancou um pedaço da fralda, começou a ver a ferida do professor. Depois marchou para onde estava o Boa-Vida (que si encolheu todo), molhou a ferida do malandro, botou um pano em cima. Todo tremor, todo o cansaço tinham desaparecido. Porque confiava em Pedro Bala. Depois perguntou a Volta Seca:

— Também tá ferido? — não... — Fez o mulato sem compreender. E fugiu para seu canto. Parecia ter medo de Dora.



Sem-Pernas espiava. O cachorro saiu do colo dele, veio lambe os pés de Dora. Ela acarinhou, perguntou ao Sem-Pernas: —É teu? — É sim. Mas pode ficar com ele. (p.153).

Dora, mãe

A idéia do capítulo anterior se confirma: Dora começa a atuar como a mãe que faltava ao grupo, ajeitando-lhes as roupas, dando-lhe carinho, fazendo-se amar. Todos estão um pouco apaixonados, mas a imagem de mãe se impõe, é mais forte e ofusca a imagem de mulher. Dora possui ar maternal que traz para alguns deles a lembrança das suas respectivas mães que não estavam com eles. Apesar de tenra idade, ela transparece para eles um ar sério e maduro que impunha-lhes respeito e admiração. "... Como uma mãe, sim. Pra todos..." (p.160)

Porém para Professor e para Pedro Bala, ela era mais do que mãe, era a Amada. Num certo ponto, o autor se trai e anuncia a relação futura entre Dora e Pedro Bala. "Pedro Bala olhou os dois. Suspendeu o boné, sentou na areia. Mas Dora o olhava com carinho. Para ele... Para ele era tudo: esposa, irmã e mãe. Sorriu confuso para Dora". (p.160)

Dora, irmã e noiva

Dora se integra totalmente ao grupo, a ponto de vestir-se como um capitão da areia e tomar parte nos seus roubos e nas suas lutas.

Como o vestido dificultava seus movimentos e como ela queria ser totalmente um dos Capitães da Areia, o trocou por umas calças que deram a Barandão numa casa da cidade alta (p.162). Falavam na coragem de Dora, que brigara igual a um menino. "Igual a um homem", dizia João Grande. (p.167)

Neste momento, ela transpõe imagem materna e ocupa um outro espaço que é o público através de sua participação nas ações que eram realizadas apenas por meninos. O espaço que ocupava no

trapiche era limitado e ela queria fazer parte do mundo externo dos Capitães da areia. "... Agora eu tomo parte no que vocês fizer". (p.162)

A partir daí, Dora estabelece também uma relação fraternal com os mais velhos, pois passa pelas mesmas aventuras e perigos que eles. No entanto, entre ela e Pedro Bala acontece uma relação platônica. O amor deles floresce e acabam o capítulo como noivos.

Igual a uma noiva, exatamente igual a uma noiva, pensava Pedro Bala, estendido na areia. A luz amarelava o areal, as estrelas se refletiam no mar azul da Bahia. Ela veio, deitou ao lado dele. E começaram a falar de coisas tolas. Igual a uma noiva. Não se beijaram, não se abraçaram, o sexo não os chamava naquele momento. Só de leve o cabelo loiro dela tocava em Pedro Bala. — Teu cabelo é bonito! — disse ele. Ela riu, olhou o cabelo dela:

— O teu também. Riram os dois e logo foi uma gargalhada. Era um hábito dos Capitães da areia. Ela começou a contar coisas do morro, histórias dos vizinhos, ele lembrava fatos da vida agitada do grupo:

— Vim para aqui com cinco anos. Menor que teu irmão. Riam inocentemente, felizes de estarem um do lado do outro. Depois o sono veio. Estavam separados, Pedro tomou a mão dela, segurou. Dormiram como dois irmãos. (p.167)

Em uma só personagem, o autor representa três mulheres: a mãe, com toda a atenção, carinho e cuidado com todos; a irmã, co-participante nas brincadeiras e furtos e como noiva, a amada que desperta não só admiração, mas também desejo e amor.

Reformatório

Neste capítulo ocorre a primeira separação entre Pedro Bala e Dora. Ele vai para o Reformatório, onde é torturado para dizer onde dormem os outros, mas não o faz, mostrando sua fibra. Consegue fugir, com ajuda dos companheiros que estão fora de lá. Durante todo o capítulo, a figura de Dora não aparece, sabe-se apenas que está num orfanato. No capítulo é utilizado o

recurso das notícias de jornal, tanto no início, para relatar a prisão, quanto no final, para falar da fuga. Este recurso dá visibilidade e legitimidade à situação social dos marginalizados e discriminados na Bahia. Todo o sofrimento pelo qual é submetido através da prisão e das torturas não acabam com a determinação de Pedro Bala, ao contrário, gerá-lhe ódio e o espírito libertário.

... Ele quer é liberdade. Um dia um velho disse que não se mudava o destino de ninguém. João de Adão disse que se mudava, sim, ele acreditara em João de Adão. Seu pai morrera para mudar o destino dos doqueiros. Quando ele sair irá ser doqueiro também, lutar pela liberdade, pelo sol, por água e de comer para todos. Cospe um cuspe grosso. A sede aperta sua garganta. Pirulito quer ser padre para fugir daquele inferno. Padre José Pedro sabia que o reformatório era assim, falava contra meterem os meninos lá. Mas que podia um pobre padre sem paróquia contra todos? Porque todos odeiam os meninos pobres, pensa Pedro Bala.
(p.176)

Orfanato

Dora está no orfanato. Por ser mulher, os castigos não são tão duros quanto no Reformatório. Passa fome e fica doente. É retirada de lá pelos seus comparsas e amigos, chefiados novamente por Pedro Bala que consegue fugir de onde estava. O capítulo anuncia claramente o final extremamente trágico e romântico, no estilo Romeu e Julieta, com a morte da heroína.

Era sempre crepúsculo na enfermaria. Era como a ante-sala do túmulo, com as pesadas cortinas que impediam a luz de entrar. O médico que a vira balançara a cabeça com tristeza. Mas a luz entrou com eles. Como Pedro Bala estava magro!, pensou Dora ao se por ao seu lado. João Grande, Gato, Professor estavam com ele. Professor mostrou a navalha à Irmã, que abafou um grito. A menina que estava com catapora na outra cama tremia sob os lençóis. Dora queimava de febre, mal podia estar de pé... (p.186)

Mesmo não sofrendo tanto quanto Pedro Bala, Dora não consegue resistir. A saúde de Pedro Bala é superior à dela. Esta provavelmente seja mais uma marca masculina que se sobrepõe ao feminino. Pedro sofre mais que Dora, porém é mais forte fisicamente e vence com determinismo aquele momento de isolamento dos amigos e da liberdade, superando-o através da fuga. “Um mês de orfanato bastou para matar a alegria e a saúde de Dora...” (p.186).

Noite da Grande Paz

Capítulo bem curto, que relata apenas sobre a doença de Dora e o seu estado febril, a insistência da mãe-de-santo Don’Aninha em rezar oração forte para expulsar a febre que devora Dora e a tristeza do grupo. Todos estão tristes porque sabem que ela está por ir. Revelam em seus corações e olhares a frustração em ter pouco tempo a mulher que era acima de tudo a mãe, irmã e noiva.

A paz da noite da Bahia não está no coração dos Capitães da areia. Tremem com o receio de perder Dora. Mas a grande paz da noite está nos olhos dela. Os olhos que se fecham docemente, enquanto a mãe-de-santo Aninha enxota a febre que a devora. (p.188)

Dora, esposa

Dora morre. Antes é possuída por Pedro Bala, consumando assim o casamento. A personagem revela sua inclinação “natural” para concretização de conceitos preconcebidos por um ponto de vista masculino, onde a mulher é destinada ao lar, ao marido e à maternidade, quando mesmo sem apresentar condições físicas para a realização do ato sexual o impele a possuí-la. Ela só se sente mulher dele depois da posse e isto lhe ajuda a morrer em paz. “— É bom... Sou tua mulher” (p.190). “Não tem mais pulso, o coração não bate mais”. (p. 190)

Depois de morta, o seu corpo é atirado ao mar baiano, para fazer companhia a Iemanjá⁵, e também para não denunciar morada do grupo.

Levam-na para a paz da noite, para o mistério do mar. O padre reza, é uma estranha procissão que se dirige na noite para o saveiro⁶ do Querido-de-Deus. Do areal, Pedro Bala vê o saveiro que se afasta. Morde as mãos, estende os braços. Voltam para o trapiche. A vela branca do saveiro se perde no mar. A lua ilumina o areal, as estrelas tanto estão no céu quanto no mar. Há uma paz na noite. Paz que veio dos olhos de Dora. (p.191)

Como a estrela de loira cabeleira

O desespero de Pedro Bala com a morte da amada se transforma em alegria ao vê-la no céu, transformada em estrela. Há nesta transformação uma transposição do real para o absurdo, o anormal. De acordo com a narrativa, há uma história que diz que os homens valentes se transformam em estrelas celestiais ao morrer. “Assim foi com Zumbi, com Lucas da Feira, com Besouro, todos os negros valentes...” (p.192). Mas isso nunca havia ocorrido com qualquer outra mulher. Dora é a primeira. Acontece então a mitificação da personagem pois na realidade o que ocorreu foi a passagem de um cometa:

...Que importa tampouco que os astrônomos afirmem que foi um cometa que passou sobre a Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora mais valente que todas as mulheres. Mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabuçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se deu ao seu amor. Por isso virou uma estrela no céu. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela que nunca tivera nenhuma na noite de paz da Bahia.

⁵ Orixá feminino: rainha do mar.

⁶ Embarcação de um ou dois mastros, usado na pesca e no transporte de mercadoria.

A felicidade ilumina o rosto de Pedro Bala. Para ele veio também a paz da noite. Porque agora sabe que ela brilhará para ele entre mil estrelas no céu sem igual da cidade negra.

O saveiro do Querido-de-Deus o recolhe. (p.192)

A representatividade feminina através de Dalva, Dora e a negrinha do areal aparece na obra sob um olhar machista da sociedade baiana. As imagens estereotipadas construídas de mulher são baseadas em um discurso controlador que funciona como um mecanismo de poder, centrado no masculino e reforçam a subjugação do feminino imposta pela relação de domínio do homem sobre a mulher.

Cap. II – Afro-brasileiro, o que o faz excluído em *Capitães da areia*?

Ao nos remetermos à questão étnica no Brasil, nos deparamos com um discurso legitimado como verdadeiro, que marca o negro como ser excluído da sociedade, a partir de uma visão limitada de um grupo, ditado por seus preconceitos e valores, pois mesmo com a libertação dos escravos depois de séculos de exploração colonial, a condição social dos negros continua sendo marcada pelas relações de poder exercidas pelo branco. A visão do mundo é ainda uma visão etnocêntrica “onde um grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos seus valores, modelos e definições. Há então o grupo do “eu” que faz da sua visão a única possível, a melhor, a natural, a superior, a certa. E por outro lado, o grupo do “outro” que é considerado pelo “eu” como engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível” (GUIMARAES, 1984, p.7 e 9). O grupo do “outro” é reduzido como inferior pelo seu modo de pensar, de agir, de estabelecer as coisas a partir de uma visão de um grupo de caráter excludente, que está no centro, portanto, somente os seus valores e ideologias estão corretos e são legítimos, relegando o “outro” à condição de subordinado. Para Florestan Fernandes, “a libertação dos antigos escravos não representou mudança significativa na estrutura de poder que continuou sendo exercida pelas camadas dominantes”⁷. As imagens do negro e de negrura estão impregnadas de preconceitos, mas estes são encobertos pela “democracia racial” que mascara o racismo e a discriminação sofrida pelos negros, que são tidos como **minorias**.

Para representar o afro-brasileiro, Jorge Amado em sua obra *Capitães da areia*, relembra inicialmente a situação outrora dos negros no período da escravidão. “Não mais trabalham ali os negros musculosos que vieram da escravatura”. (p. 25)

⁷ Florestan Fernandes (1995 – p.20 a 26)

Neste fragmento acontece a retomada a uma realidade do período escravocrata no Brasil, e especificamente na Bahia. Período em que o “negro é elemento importante na aceleração da acumulação de capital, transformou-se em mão-de-obra barata, em utensílio a ser utilizado nos engenhos, nas minas e posteriormente nas fábricas, tendo seu valor calculado, pelo que valia como mercadoria de troca”. (FONSECA, 2000, p. 89)

Durante esta época, sabe-se que os negros eram submetidos a trabalhos grosseiros, sem direito algum e que seus senhores mandavam e abusavam do poder que detinham, inclusive nos latifúndios coloniais, além da exploração da mão-de-obra servil pelos seus respectivos donos. Os negros eram propriedade deles. Aos senhores de escravos ainda era legado o direito insaciável sobre o corpo das escravas, estas eram colocadas na situação de objeto e subjugadas às barbaridades cometidas contra elas. Era uma relação plena de domínio e poder, de exploração sexual e desumanização por parte do branco. Às escravas negras não era dado o direito ao questionamento. O que havia era a imposição de atitudes hostis para com as mesmas, principalmente com aquelas que não aceitassem o que lhes era o imposto.

Era no trapiche, lugar que os negros trabalharam, que viviam os “Capitães da areia”. “Ficou abandonada em meio ao areal, macha negra na brancura do cais”. (p.25)

Há no trecho citado uma oposição entre a cor “negra” e a “branca”. A adjetivação de cor dada à mancha reflete uma impureza que é atribuída a esta cor. Esse contraste denota a desvalorização de uma cor em relação à outra. O trapiche por ter sido abandonado, por não ter mais valor e importância e por ter à sua frente o areal do cais do porto é tido como algo ruim que marca e suja a brancura deste cais. O uso do vocábulo negra está intimamente relacionado a um valor depreciativo, explicitando uma comparação com o que é considerado mal, feio ou desagradável.

Dentre as personagens do romance, podemos destacar primeiramente João Grande e perceber como o sujeito negro é representado na obra através de características que marcam a discriminação racial mantida por uma sociedade baseada na centralização do branco e no seu discurso egocêntrico e preconceituoso não apenas quanto à mulher, mas também no que toca à raça. “Não que fosse um bom organizador de assaltos, uma inteligência viva. Ao contrário, doía-lhe a cabeça se tinha que pensar. Ficava com os olhos ardendo...” (p.28)

João Grande era um dos chefes, participava de todas as reuniões nas quais planejavam os furtos. Mas isto acontecia apenas porque detinha uma enorme força muscular e realizava os mais

audaciosos furtos ao lado de Pedro Bala, líder maior dos “Capitães da areia”. Era também o defensor dos meninos pequenos do grupo. Por isso, era temido e respeitado. O preconceito para com ele está presente também entre os seus companheiros que atribuem ao mesmo adjetivos pejorativos e desqualificantes à sua identidade racial. São descrições que definem o marginalizado como inferior em relação ao seu intelecto. Há uma acentuação da desigualdade entre as raças estabelecida por uma visão etnocêntrica. O “eu” é o branco e o negro é o “outro”, ou seja, o “aquém”, ou “além”, nunca o “igual” ao “eu” (1984, p.10). Valho-me de Everaldo P. Guimarães Rocha para fazer essa relação. “— Este negro é burro mas é uma prensa...” (p.28). “— Este negro é burro como uma porta...” (p.46). “— Deixa de ser burro, negro...” (p.56)

Assim se é negro, não pensa. O negro é inferiorizado, ele é depreciado em função da sua cor. Tudo seu é subestimado, até a sua inteligência. Os próprios excluídos, os “Capitães da areia” trazem em si uma forte carga preconceituosa, pois eles excluem João Grande através das suas palavras. “Mas a sua enorme força muscular o fizera temido” (p.28). “... Dos três o menos ágil era o negro João Grande, muito bom numa luta onde pudesse empregar sua enorme força física...” (p.45)

Estas passagens acima transcritas reafirmam a presença de marcas discriminatórias na representação do afro-brasileiro. Ele não era inteligente, não tinha capacidade para pensar, porém o seu corpo denotava através dos músculos a sua força, como um selvagem dotado apenas de instinto e desprovido de faculdades mentais.

No entanto, o narrador ameniza esta situação de desvalorização do sujeito com a apresentação de características que ressaltam sua bondade, o seu valor. “Tu é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. Gosto de você...” (p.29)

Nesta fala de Pedro Bala, ocorre uma superiorização do negro sobre o branco, em que ele considera o amigo João Grande não pela sua força mas pela sua bondade com todos, demonstrada através de suas ações.

Contudo, em uma outra parte da obra, é possível perceber claramente uma oposição de conceito através de uma comparação entre branco e negro, feita por Pedro Bala, quando este diz: “Padre, o senhor era um homem bom. — Teve vontade de dizer que o padre era bom como João Grande, mas pensou que talvez o padre se ofendesse se ele o comparasse ao negro”. (p.69)

É inegável reconhecer a atribuição de inferioridade dada a João Grande por ser negro. Ele não pode ser igual ao padre na sua bondade, porque este é branco, é um homem religioso que crê

em uma fé considerada como tantos outros valores como a única, a verdadeira e a melhor. Valores que são padronizados como corretos por um segmento da sociedade que se considera unicamente capaz de legitimar o que é certo e o que é errado, o que deve ser aceito e que deve ser anulado. “...O negro pensa que nessa noite de tanto vento são perigosos os caminhos do mar”. (p.29). “— É de um negro assim como tu...” (p.30). “O negro não respondeu...” (p.56)

É perceptível nesses fragmentos o uso constante do signo negro que é usado ao se referir ao personagem. Este uso sistemático do signo, segundo Leda Maria Martins, constitui uma das formas mais perversas de segregação e controle, adjetivando o grupo racial a que pertence. Para ela o signo manifesta, em sua significância, a sua marca ideológica. Mikhail Bakhtin afirma “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”⁸.

Ao fazer referência a outro personagem, o Barandão, o uso do signo negro é colocado no diminutivo. “Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do cais jamais assistiram” (p.26). “O Sem-Pernas reconheceu o negrinho Barandão...”. (p.42)

Os termos mulato, moreno, crioulo, caboclo também são usados por Jorge Amado como variante da cor negra. De acordo com Leda Maria Martins “estes termos estão articulados numa rede metonímica de exclusão, que instaura e delimita as posições possíveis para o elemento negróide na estrutura social brasileira” (1995, p.36). Estas variações semióticas, bem como o signo negro estão impregnados de um valor pejorativo mais ou menos ostensivo.

Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. (p.26)

Tu é um pancadão, morena. (p.80)

— Não... — *Fez o mulato sem compreender.* (p.153)

... Minha mãe era um mulherão destas grandes. Era mulata... (157)

Por fim, na análise da personagem João Grande, este tem um destino como todos outros de acordo com a sua vocação e sonho, parte no navio, não mais como seus antecedentes na situação de escravos, humilhados para serem vendidos e sim como um dos tripulantes daquela navegação. “... João Grande embarcou como marinheiro num navio cargueiro do Lóide”. (p.229)

⁸ Bakhtin – *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, p.32.

Percebe-se ao longo da narrativa que há uma outra representação do afro-brasileiro que é conveniente ressaltá-la. Esta representatividade é de uma personagem feminina que é a negrinha do areal, que acaba sendo violentada por Pedro Bala.

Inicialmente, vê-se que ao representar a mulher negra, o narrador a coloca como objeto de desejo e de consumo. A partir do momento que é vista como objeto, veicula-se ao corpo um tipo do código moral e estético, determinado, sobretudo por seus traços externos, é o corpo que passa a ser representado como objeto de prazer e satisfação sexual. Neste instante, projeta-se o sujeito negro como corpo e imagem, reforçando a sua exclusão.

Pedro Bala podia vê-la bem quando ela passava sob os postes: era uma negrinha bem jovem... E o desejo cresceu dentro de Pedro Bala... Pensava em derrubar negrinha sobre a areia macia, em acariciar seus seios duros... em possuir seu corpo quente de negra. (p.79)

A negrinha é isolada enquanto indivíduo. Ela permanece no anonimato, aparece de repente no enredo, não tem nome e depois de um breve momento desaparece na história.

Pedro Bala a toma para possuí-la numa atitude agressiva e hostil. Mesmo a negrinha tentando resistir ele domina a situação. “Mais que é que o tu viu, cabocla? Tu pensa que eu vou te deixar antes de tu me dar?...” (p.81)

Esta colocação do termo cabocla traz em si as marcas de poder, porque sendo negra, sua cor estabelece seu lugar, função e fala. Ela como tantas outras de sua raça estavam “destinadas” a viverem assim, a manterem uma relação sexual numa ostentação de domínio do homem, predominando os caprichos egocêntricos dos seus opressores, numa anulação completa do feminino pelo masculino. Para Leda Maria Martins, inspirada em Foucault, “... a cor de um indivíduo nunca é simplesmente uma cor, mas um enunciado repleto de conotações e interpretações articuladas socialmente, como valor de verdade que estabelece marcas de poder...”⁹. Esta citação endossa o que foi dito anteriormente pois quando Pedro Bala refere-se à negrinha como cabocla, reflete uma prática discursiva que há muito funcionou como exercício de violência.

⁹ Leda Maria Martins, 1995, p.35.

Ao resistir às tentativas de Pedro Bala, a negrinha tenta ultrapassar os limites do poder em busca da conquista de seu espaço, de sua identidade, tentando assim rebelar-se contra os determinismos de uma sociedade que sempre lhe condenou, impedindo de ter voz e espaço. “— A negrinha reagiu de novo...”(p.81)

Apesar da demonstração de resistência, ela acaba consentindo que ele a possua. Estava convencida de que era melhor ceder do que lutar. Era o “forte” contra o “fraco” e ela na situação deste último acaba sendo anulada e dominada, tendo um papel de insignificância e neutralização dentro da relação entre eles. Pedro Bala, o “eu” suprime a autonomia da negrinha, o “outro”, restando-lhe apenas a submissão.

As marcas étnicas representadas na obra de Jorge Amado que foram discutidas neste trabalho revelam as imagens construídas de preconceito e marginalização na cultura brasileira sobre o negro. Mesmo depois da Abolição, o negro continua sendo vítima do racismo, a interdição aos negros de certos ofícios, do acesso à boa educação e aos bens culturais em geral, reforçam a discriminação de uma forma bem visível.

O termo exclusão é o que mais fielmente traduz a condição em que se encontra o povo negro no Brasil e no mundo. O que existe é uma brutal concentração de renda e de poder nas mãos de poucos que compõem as elites.

No Brasil, é a parcela negra da população a mais duramente atingida pelo desmonte das políticas sociais e de saúde, pelos sistemas de controle populacional, pelo desemprego crônico, pela fome e pela violência do latifúndio, do aparato policial e dos grupos de extermínio. É negra a maioria de crianças que vivem nas ruas e de jovens assassinados nos centros urbanos. Apesar da melhoria dos indicadores sociais do Brasil na última década, a desigualdade entre brancos e negros se mantém. A maior parte dos pobres brasileiros são negros, estes representam todos que não ganham suficiente sequer para se alimentar.

Em relação à escolaridade, a média de estudo dos adultos brancos é de 6,6 anos (Censo do IBGE 2000), enquanto os negros adultos têm, em média, 4,4 anos de estudo, isto quer dizer, segundo a pesquisa, que em 13 anos os brancos devem alcançar médias de 8 anos de estudo, o que representa a conclusão do ensino fundamental. Os negros só atingirão essa média em 32 anos.

Segundo Maria Nazareth Soares Fonseca, a condição social do negro ainda está marcada pelo sistema escravocrata, mesmo numa tentativa de integração do negro na sociedade brasileira, o

estigma da cor carrega o peso da escravidão, que se torna como um reforçador da inferioridade atribuída ao negro. Mas o brasileiro não se assume como racista e nutre um preconceito disfarçado.

É necessário que o governo reveja sua política social e que trate os grupos do excluídos de maneira diferente, porque tratar todos de forma “igual” é desmontar as políticas públicas destinadas aos segmentos marginalizados da nossa população.

Levando em consideração a situação do negro no Brasil perceberemos que ainda prevalece o preconceito, a discriminação que implicam na negação de uma sociedade que tenta camuflar as diferenças que alicerçam o que hoje somos. Uma sociedade híbrida, mas que não se aceita como tal. Negando assim existência de um país miscigenado e multicultural.

Atualmente grupos de minorias como o negro, a mulher, têm reivindicado o reconhecimento da sua identidade, não só como contribuintes na formação do nosso país, mas como seres subjetivos que devem ser respeitados e aceitos. Hoje já existe a quota de 40% das vagas nas Universidades garantida aos negros. Isto é resultado do levantamento desse grupo em busca do acesso a esse espaço público restrito. Quanto à mulher, esta tem sido inserida cada vez mais no mercado de trabalho mostrando maior compatibilidade com a mão-de-obra masculina.

Esta reivindicação é importante porque tem entrado em ruptura com as camadas sociais dominantes que produzem um discurso preconceituoso, através de um olhar masculino, branco e majoritário.

O preconceito contra o negro, em todos os seus aspectos deve ser combatido. Negar o negro é negar nossa formação mestiça não só como indivíduo mas também como Nação.

Conclusão

Por fim, é inegável afirmar que na construção de gênero e de raça alguns traços diferenciadores denotam os preconceitos generalizados contra a cor e o gênero.

Nas representações de gênero, Jorge Amado mantém a mulher numa relação de hierarquia, obediência e desigualdade. Estão presentes os conflitos e tensões através da manutenção dos poderes masculinos e da luta das mulheres em busca de voz e espaço. A condição de gênero legitimada socialmente construída a partir de uma relação de poder é mostrada claramente no romance. As imagens bipolarizadas de mulher como esposa/amante fazem parte da sociedade da época.

Quanto ao negro observar-se que, ao representá-lo, ocorre uma perda de personalidade, porque este signo carrega uma gama de preconceitos que o alienam enquanto pessoa. Se por um lado há imagens do negro viril, definido por uma musculatura vigorosa, por outro lado ele “é associado ao animal, imagem que se modela a partir das idéias de selvageria”. (FANON, 1983, p. 139). Na representação de mulher negra, os atributos físicos que tornam a negrinha do areal desejável por Pedro Bala fortalecem o estereótipo de mulher objeto, sensual, exuberante. Estes atributos fazem do seu corpo produto altamente desejado e dela um ser puramente sexualizado.

Através deste trabalho e das associações feitas com os vários teóricos como Elódia Xavier, Leda Maria Martins, Heleieth Saffiotti entre outros, percebe-se que a exclusão tem sido justificada por aspectos puramente econômicos, políticos e sociais não somente em séculos anteriores mas também agora, nos dias contemporâneos. Pois as representações sobre a diferença foram apropriadas pela formação de idéias de uma determinada sociedade, onde valores e conceitos

foram hierarquizados a partir de uma construção social patriarcal. E isto acabou por diferenciar alguns sujeitos, considerando-os como negativos e desiguais, e tornando-os invisíveis.

Por isso, é impossível continuar com a idéia de rejeição ao outro. Faz-se necessário desconstruir princípios expressados pela universalidade dos seres que até então foram pensados como único e singular. Todos os elementos apontados no texto, como etnia, gênero e classe tornam múltiplos os sujeitos e equivalentes.

Atualmente, com o levantamento dos grupos minoritários tem se rompido as idéias de oposições entre cor e gênero que por muito tempo dificultaram a percepção e construção de mundo de outras formas.

A diferença existe e é importante, porém ela não deve servir para modelar padrões e ideologias, ao contrário, deve estabelecer representações de sujeito que devem ser consideradas e reconhecidas como contribuintes para a formação de uma sociedade em todos os seus aspectos: cultural, social, político e econômico.

Referências Bibliográficas

1. **AMADO**, Jorge. *Capitães da areia*; 63 ed. Rio de Janeiro, 1986.
2. **CASTELLO**, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500 – 1960)*, Vol. III. São Paulo: Edusp, 1999.
3. **FONSECA**, Maria Nazareth Soares. *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
4. **FREIRE**, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
5. **FUNCK**, Suzana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. In: idem. (Org). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1994, p.17-22.
6. **IARARANA**. Revista de arte, crítica e literatura. Ano III, nº 6. Salvador, 2001. Governo da Bahia.
7. **MARTINS**, Leda Maria. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
8. **ROCHA**, Everaldo P. Guimarães. *O que é Etnocentrismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
9. **SAFFIOTTI**, Heleieth B. *Primórdios do conceito de gênero*. In: Cadernos Pagu. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero / UNICAMP, Campinas, SP. 1999, p.157-164.
10. **TELLES**, Norma. In: **JOBIM**, José Luís (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.45-63.
11. **TERRA**, Ernani. *Curso prático de língua, literatura & redação / Ernani & Nicola*. Vol. 3 – São Paulo: Scipione, 1997.
12. **PILETTI**, Nelson. *História e vida: Brasil: da independência aos dias de hoje*, v. 2 / Nelson Piletti, Claudino Piletti – 17 ed. São Paulo: Ática, 1997.
13. **XAVIER**, Elódia. Tornar visível o invisível. In: **REIS**, Livia de Freitas et alli. (Org.) *Mulher e Literatura*. Niterói, Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.

Anexo

ESFINGE

“Olha! Levanta agora a pálpebra descida
E o segredo desvenda enfim do teu olhar!
Fala!
Descerra a boca há tanto tempo
emudecida
Deixa o segredo enfim da palavra escapar!
Olha! Fala! Estreme! O meu olhar
atento
Vai-te da imota frente ao imoto coração,
Buscando surpreender um fugaz
movimento
Que revele o sofrer ou que trata a paixão”.

Júlia Cortines. (séc. XIX)

Resumo

Este trabalho monográfico pretende fazer uma leitura dos excluídos na Bahia em *Capitães da areia* de Jorge Amado, através da representação de sujeitos específicos que são o negro e a mulher.

É impossível tratar sobre estas questões sem nos remeter às relações de poder presentes nas práticas sociais e discursivas de uma cultura construída por uma sociedade que escolhe e faz funcionar alguns discursos como verdadeiros e outros não.

Sabe-se que na construção dos saberes e das verdades, preconceitos raciais, étnicos, de gênero, entre outros, foram difundidos através do exercício de poderes atribuindo ao negro e à mulher a condição de invisível e de neutro.

As imagens estereotipadas criadas sobre a mulher ao longo dos séculos e as marcas preconceituosas que estigmatizam o afro-brasileiro reafirmam a discriminação explícita dos modos de exclusão que acabaram por agrupar uns e excluir outros.

As características atribuídas ao negro e à mulher construíram as imagens do diferente sobre um olhar negativo e excludente. O negro percebido sempre como inferior e dotado de uma vocação natural para as atividades braçais e de brutalidade própria, e a mulher como sensível, frágil e com tendência natural para o lar e a criação de filhos evidenciam significados negativos considerados como uma justificativa para a exclusão.

É interessante observar que no romance *Capitães da areia* o narrador denuncia os preconceitos da sociedade brasileira, mas na caracterização dos personagens como João Grande,

Dora, Dalva e a negrinha do areal são acentuados os estereótipos negativos que estão relacionados com a negação da diferença.

É certo que a intenção do romance é mesmo de denunciar o determinismo de valores defendidos como corretos e ideais pela nossa sociedade que deixou à margem, ao esquecimento os grupos que são representados cultural e socialmente como diferentes.

Por isso, o estudo da obra nos permitirá analisar a diferença e como ela é representada através da leitura de alguns personagens que simbolizam estes tipos excluídos, ou seja, o negro e mulher.